

Sem recesso, morte política

O “recesso branco”, para que parlamentares possam ir ao encontro das bases, é possibilidade que o presidente da Câmara recusa terminantemente a aceitar, animado agora com a votação do Regimento da Casa, podendo dar início à legislação complementar à Constituição. O deputado Paes de Andrade não quer abrir a porteira antes disso. Vai lançar mão dos dispositivos legais para cercear a vontade de recesso. Pela legislação em vigor, o “recesso branco” só poderia ser criado por projeto de resolução, de iniciativa do presidente da Câmara, de sua Mesa Diretora em decisão unânime, ou pelas lideranças de todos os partidos. Pouca probabilidade há de que as hipóteses se materializem. No entanto, mesmo com a resolução tomada, Pies ainda teria como vetá-la.

Ele sabe onde dói o seu calo. A sociedade vai cobrar implacavelmente se a Câmara deixar para o ano que vem — já com um novo governo — as leis ordinárias e matérias de interesse nacional, reproduzindo-se aquela imagem de vazio do plenário. O Congresso, que já não anda bem das pernas, passaria uma imagem desastrosa à opinião pública, e esta se voltaria contra os parlamentares em 1990, infligindo o maior índice de renovação de mandatos sofrido pela Câmara, em todos os tempos, e já prevista para cerca de noventa por cento.

Entretanto, o presidente da Câmara, polí-

tico experimentado, não deseja que sua atitude seja entendida como ato de vontade radical. Já obteve muita antipatia de deputados que se sentiriam atingidos pelos atos de moralização impostos à Câmara. Além disso, existem as pressões que os parlamentares vêm sofrendo para que estejam cada vez mais presentes em suas regiões e municípios. Esse apelo é tradicional a dois meses antes das eleições, quando começa a aparecer toda sorte de solicitações ao senador e deputado: problemas com a Justiça Eleitoral dos seus eleitores, filiação, propaganda, transporte, alimentação e recrutamento. São apenas alguns deles. O parlamentar nesta época não é forçado a passar apenas os fins de semana em suas regiões, mas a semana inteira. No entanto, ruim de imagem ante a sociedade, ele ficou sem argumentos para ir cuidar de seu problema elementar. O “recesso branco” tem a imagem de uma grande festa de liberação geral. Mais uma vez, dir-se-á que é culpa da imprensa. Mas a imprensa nunca teve “recesso branco”, por exigência de seu eleitor, o leitor.

“Esta é a época que o parlamentar mais trabalha” — assegura o ex-deputado Alencar Furtado, referindo-se à campanha eleitoral, na fase de dois meses antes das eleições. Ocorre, porém, que hoje em dia tudo conspira contra o parlamentar.